

l m p a c t o s d a
FLORICULTURA
S O B R E O T U R I S M O
N O E S P Í R I T O S A N T O



Ana da Glória Costa Caiado

l m p a c t o s d a
FLORICULTURA
S O B R E O T U R I S M O
N O E S P Í R I T O S A N T O

SECRETARIA
DE DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TURISMO
GOVERNO DO ESTADO
ESPÍRITO SANTO
www.es.gov.br

SEBRAE
Serviço de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas
Espírito Santo

bandes
Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo S.A.

Vitória
2007

© Copyright by Sebrae/ES, Vitória, 2007.

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual
Lucas Izoton Vieira

Diretoria Executiva Sebrae/ES

Diretor Superintendente: João Felício Scárdua

Diretor de Atendimento: Carlos Bressan

Diretor Técnico e de Produto: Evandro Barreira Milet

Gerente da Unidade Carteira de Projetos II: Vera Inez Perin

Equipe Técnica: Célia Regina Bigossi Vicente, Eduardo Rodrigo Donatelli Simões,
Maria Angélica Fonseca

Apoio: Danielli Nogueira Alves da Silva

Revisão de texto, normalização, catalogação e acompanhamento gráfico
Ana Maria de Matos Mariani – CRB 12/ES nº 425

Fotografias: Usinas de Imagens (banco de imagens da Sedetur)
Banco de imagens do Sebrae/ES

Design e Produção Gráfica: Artcom Comunicação Total

Sebrae/ES

Av. Jerônimo Monteiro, 935 – Ed. Sebrae – Cep 29010-003 – Centro – Vitória, ES.

Tel.: (27) 3041-5500 – Fax: (27) 3041-5666 – *Homepage:* www.es.sebrae.com.br

Caiado, Ana da Glória da Costa

C133 Impactos da floricultura sobre o turismo no Espírito Santo/ Ana da Glória Costa Caiado.
– Vitória : Sebrae/ES, 2007.
66 p. : il., retrs. (alguns color.); 24 cm.

ISBN 85-7333-398-7

1. Floricultura – Turismo – Espírito Santo (Estado). 2. Floricultura – Turismo – Aspectos socioeconômicos. 3. Floricultura – Brasil – Aspectos históricos. I. Título.

CDU: 635.9:338.48(815.2)

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, desde que divulgadas as fontes.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1 INTRODUÇÃO	13
2 IMPORTÂNCIA MUNDIAL DO SEGMENTO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS	19
3 DIAGNÓSTICO DO SEGMENTO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO BRASIL	25
4 PANORAMA DA FLORICULTURA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	33
5 PARALELO ENTRE A FLORICULTURA CAPIXABA E A PERNAMBUCANA	39
6 IMPACTO DA FLORICULTURA NO TURISMO	45
7 PRINCIPAIS EVENTOS LIGADOS AO SETOR DE FLORICULTURA	51
7.1 FEIRAS E FESTIVAL DE FLORICULTURA NO BRASIL	53
7.2 FEIRAS E EXPOSIÇÕES NO EXTERIOR	54
7.3 PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES NO BRASIL	55
8 SUGESTÕES PARA O FORTALECIMENTO DA FLORICULTURA NO ESPÍRITO SANTO	57
REFERÊNCIAS	61

APRESENTAÇÃO

No Brasil, a importância do turismo tem sido cada vez mais evidenciada nas políticas públicas em âmbito federal, estadual e municipal e compreendida como fonte de geração de postos de trabalho e de renda. Essa é uma das atividades que mais se desenvolve no mundo, evidenciada pelo aumento de sua participação relativa dentro do setor de Serviços que, por sua vez, vem apresentando crescente influência no Produto Interno Bruto em países desenvolvidos.

Dada a diversidade de seu patrimônio natural e cultural, o Brasil é um dos maiores potenciais turísticos do mundo, o que tem despertado o interesse de visitantes e de empreendedores de diversos segmentos econômicos. Isso pode ser comprovado por inúmeros investimentos realizados no País. Felizmente, o Espírito Santo faz parte deste cenário não apenas pelo nosso potencial de atrativos naturais e culturais mas, sobretudo, nos últimos tempos, pelos vários negócios que emergem, principalmente com as diversas atividades de setores prioritários da economia estadual.

Os mais distintos estudos dos mais diferentes órgãos e instituições que trabalham na identificação de setores com as melhores condições de geração de renda e emprego sempre apontam o turismo como um dos mais importantes, seja pela capacidade de agregar valor ao produto turístico local, seja pela possibilidade de absorver quase que imediatamente de grande parte da mão-de-obra da região. Eis o porquê de o turismo ser um dos principais segmentos da economia neste princípio de século.

Inúmeras publicações apontam que o fenômeno do turismo, transportando pessoas do seu local de origem para um determinado destino, por motivo de negócios ou lazer, impacta uma ampla variedade de atividades econômicas e é também impactado por elas. Entre tais atividades são mais diretas e evidentes: compra de equipamentos de hospedagem, de alimentos e bebidas, de entretenimento e lazer, fabricação de móveis, utensílios e enxoval para equipamentos de hospedagem e de alimentação e bebidas, confecção de brinquedos para a indústria de entretenimento e lazer, distribuição de combustíveis, principalmente para aeronaves, ônibus de carreira e lazer, serviços de recepção a turistas e, até mesmo, serviços de câmbio.

Em particular, no caso do Espírito Santo, todo um cenário vem sendo transformado nos últimos anos. Essa transformação se associa à indústria de petróleo e gás, à expansão das usinas siderúrgicas, à fábrica de celulose, à extração e ao processamento de mármore e granito, ao desenvolvimento da

agricultura (em especial da fruticultura), ao uso do espaço rural também para atividades de lazer e entretenimento, à expansão imobiliária etc. Isso sinaliza claramente que todo o movimento social, cultural, econômico e ambiental merece ser estudado, o que exige, por sua vez, uma reunião de informações que nos permitirão uma leitura mais clara de tudo o que vem ocorrendo.

Sob este aspecto, é preciso que lancemos um olhar sobre o social e busquemos entender de que forma a atividade econômica do turismo impacta ou é impactada por toda essa onda virtuosa que abraça o nosso Estado.

Foi, pois, com este intuito que o Sebrae Espírito Santo convidou a especialista, Ana da Glória Costa Caiado, para discorrer sobre o tema "Floricultura no turismo", de forma que possamos disponibilizar a professores, pesquisadores e estudiosos do assunto, ao poder público e à iniciativa privada, uma fonte de consulta e informação que venha nortear a intervenção em vários setores, à luz de uma perspectiva de se ter o turismo como um indutor de um processo de desenvolvimento econômico e social.

O impacto deste mercado no turismo foi o objeto principal deste estudo. Suas inferências tiveram como base os municípios do Estado onde já existem algumas manifestações desses cultivos. O clima e a cultura de certas regiões do Espírito Santo ensejam o cultivo comercial de flores e plantas ornamentais

Este estudo aborda aspectos relacionados aos territórios mais propícios ao cultivo de flores e plantas tropicais, identificando uma produção ainda bastante incipiente que sequer atende o mercado interno, embora o Estado possua características climáticas e até mesmo culturais bastante favoráveis a esse tipo de cultivo.

Põe-se em destaque o avanço da floricultura, especialmente no que se refere ao cultivo de orquídeas, que têm representado um ícone no Estado, a partir das pesquisas feitas nos últimos anos pelo orquidófilo Roberto Kautsky.

Chama a atenção para o fato da necessidade de pequenas áreas para o cultivo sustentável de flores e plantas ornamentais, podendo contribuir para a diversificação na geração de ocupação e renda das famílias rurais.

O estudo aponta ainda a existência de pelo menos duzentos pontos de vendas de flores, distribuídos em floriculturas propriamente ditas, supermercados, empresas de jardinagem, de paisagismo e de decoração.

Estabeleceram-se paralelos com outros territórios dos demais Estados brasileiros, onde esse cultivo já está consolidado ou se encaminha para tal, fazendo referência às experiências de Pernambuco e do Ceará. Ressalva-se que a atividade exerce um efeito direto sobre o turismo, ornamentando espaços para realização de eventos e atraindo fluxo para visitação aos locais de cultivo, que serão transformados em locais mais aprazíveis, com temperaturas mais amenas e com maior espaço para o lazer contemplativo. Isso se potencializa à medida em que a escolha por espécies de plantas

e flores for feita de maneira criteriosa, permitindo a criação de ambientes e atratividades para diversas espécies animais.

Como o cultivo de plantas e flores se apresenta ainda em estado bastante emergente no Espírito Santo, o estudo sugere, dentre outros empreendimentos, a realização de ações para o fortalecimento da atividade a partir da constituição de uma Comissão de Floricultura para o Estado, com o apoio da Federação da Agricultura do Espírito Santo; o estímulo ao fortalecimento das associações existentes, a organização e a realização de eventos temáticos para o setor, a disponibilização de linhas de crédito para custeio; e o investimento na capacitação tecnológica.

A Diretoria.



1 INTRODUÇÃO



Para melhor se entender a respeito do impacto da floricultura no turismo, é importante conhecer um pouco de sua história no Brasil. Tal história deve ser narrada a partir do Estado de São Paulo, com a produção comercial de flores desenvolvendo-se em torno do grande centro consumidor – a própria cidade de São Paulo.

Inicialmente, a floricultura era constituída do cultivo de flores em jardins e quintais de residências e chácaras, desempenhando função paisagística ou de decoração de interiores e contribuindo de maneira significativa para o enriquecimento da paisagem, uma vez que a maioria das residências era cercada por muros baixos, com balaústres ou grades. Com a especulação imobiliária, residências e chácaras, com seus vastos jardins, foram sendo substituídas por conjuntos de edifícios. Parte da população se viu privada do cultivo de flores para seu consumo. Ao perceber a demanda por flores, a colônia portuguesa iniciou uma pequena produção, a fim de abastecer o mercado em épocas definidas como o dia das mães, dos namorados, de natal e, principalmente, de finados.

Com a ocorrência dos fluxos migratórios, a floricultura passou a apresentar os primeiros sinais de organização e crescimento. Os imigrantes alemães foram os pioneiros na produção de plantas ornamentais, criando sua empresa em 1893, a *Dieberger*. Essa firma praticava a floricultura como atividade paralela à fruticultura, assim como vem ocorrendo nos tempos atuais em que apenas uma pequena parcela de produtores de flores e plantas ornamentais as tem como culturas principais.

Em 1929, outro grupo alemão, Irmãos *Boettcher*, fundou uma empresa no bairro paulistano de Jabaquara, dando início à plantação de dalias – flor da moda na época – e à produção de mudas de outras árvores frutíferas e plantas forrageiras.

Na década de 30, necessitando de mais espaço para o cultivo, esse grupo transferiu-se para Cotia, município da grande São Paulo, onde passou a produzir rosas e outras plantas ornamentais, nascendo daí, a hoje conhecida Roselândia.

Os imigrantes japoneses iniciaram em 1950, na cidade de Atibaia, Estado de São Paulo, o cultivo de bonsais, plantas para jardins, flores envasadas e introduziram a plantação de rosas, com mudas adquiridas da Roselândia e multiplicadas pela técnica de enxertia. Famílias japonesas foram se fixando em Atibaia e produzindo flores de corte, com mudas importadas do Uruguai e da Argentina.

Em 1981, a primeira geração de descendentes japoneses da região fundou a Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais de Atibaia (a Pró-Flor), cujo objetivo principal era incentivar e defender os legítimos interesses da classe.

Hoje, a cidade de Atibaia tem um *slogan* que soa forte: “O paraíso quase possível na terra”, talvez por sua privilegiada localização na Serra da Mantiqueira. É conhecida, também, assim

como várias outras cidades brasileiras, por “Cidade das Flores”, isso porque o município aparece entre os principais produtores de crisântemos, rosa, brancinha e cravos, do Estado de São Paulo.

Em 1948, os imigrantes holandeses fundaram a Cooperativa Agropecuária Holambra, no município de Holambra (SP).

Em 1951, iniciou-se o cultivo de flores, produzindo principalmente gladiólos. A verdadeira expansão da cultura de flores, em Holambra, deu-se de 1965 a 1968. Em 1972, a cooperativa criou o departamento de floricultura para a venda de grande variedade de flores e plantas ornamentais que os cooperados já, então, produziam. Com a organização implantada pela Cooperativa Agropecuária Holambra, imprimiu-se uma profissionalização no comércio de plantas ornamentais, nessa época, já bastante diversificada.

Os grupos de produção e de comerciantes emergidos de dentro da cooperativa uniram-se na comercialização, ficando a produção sob a responsabilidade de cada produtor. Embora a criação da referida cooperativa agropecuária tenha sido o marco do desenvolvimento da floricultura no País, foi em 1988 que a Holambra iniciou seu mais arrojado programa de reestruturação da base fixa. Entre outras ações, terceirizou sua frota de caminhões, o que, de acordo com Valente (1999), culminou com a criação de 20 microempresas de transporte, de propriedade de ex-funcionários da cooperativa. Em 1989, iniciou-se a comercialização de flores por meio de leilão (Cooperativa *Velling* Holambra). Atualmente, essa comercialização funciona de forma eletrônica (ALMEIDA; AKI, 1995).

A partir de 1993, a horticultura ornamental recebeu incentivos para ampliação e exportação, por meio do programa Frupex, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Programa este de apoio à produção e exportação de frutas, hortaliças, flores e plantas ornamentais. Outra ocorrência de destaque foi a criação do Instituto Brasileiro de Floricultura (Ibraflor), em 1994.

Em outubro de 2000, foi assinado o convênio entre Ibraflor e Agência de Promoção de Exportação (Apex), implementando o Programa Setorial Integrado de Promoção e Exportação de Flores e Plantas Ornamentais (FloraBrasilis), que tem como objetivo ampliar as exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais, saltando dos US\$ 13,5 milhões para US\$ 80 milhões por ano. FloraBrasilis é uma marca para fortalecer a floricultura brasileira.

O resultado obtido nas exportações brasileiras em 2001 (US\$ 13,5 milhões) chegou a representar um crescimento de 15,4% em relação ao ano de 2000, quando foram exportados US\$ 11,7 milhões.

O projeto é ambicioso, se analisadas as metas a serem atingidas, mas trata-se de um passo fundamental para o setor, se relevarmos os seguintes fatos: a) a necessidade de ampliação e profissionalização da base produtiva nacional; b) a necessidade de inserção do nosso setor de floricultura no mercado globalizado; c) a necessidade de estabilização da balança comercial brasileira.

A partir de 2002, o Ibraflor passou a assumir novas funções na coordenação e apoio às atividades ligadas à exportação de flores e plantas ornamentais, intensificando a sua ação mobilizadora junto às bases produtivas dos diversos pólos nacionais de floricultura. Entre esses serviços, destacam-se: a oferta de assessoria jurídica internacional às exportações, incentivo e orientação para a organização associativa e o permanente assessoramento à adequação de produtos e serviços brasileiros ofertados no mercado internacional. Alemanha, Holanda e Estados Unidos da América (EUA) constituem os países focados no programa de exportação. No Brasil, os trabalhos serão desenvolvidos em regiões que já possuem uma base produtiva organizada. Foram selecionados os seguintes pólos de produção:

- Rio Grande do Sul
- Santa Catarina
- Paraná
- São Paulo I
- São Paulo II
- Rio de Janeiro
- Minas Gerais
- Goiás e Distrito Federal
- Bahia e Espírito Santo
- Pernambuco e Alagoas
- Ceará
- Amazonas e Pará

Entre os segmentos do setor agrícola, com possibilidade de cumprir a importante função de aumentar a geração de divisas e assegurar a estabilidade interna do produto, destaca-se a produção de flores e plantas ornamentais.



2 IMPORTÂNCIA MUNDIAL DO SEGMENTO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS





As diferentes variedades de flores, folhagens e plantas ornamentais como, por exemplo, rosas, gladiolos, bulbos em geral, lisianthus, gérberras, cinerárias, hemerocales, dracenas, aspargos, palmeiras, kalanchoes, mudas de orquídeas, gerânios, cravos, prímulas, gypsophilas, crisântemos e flores tropicais integram um grande número de variedades, com expressiva contribuição no comércio exterior e ocupam posição relevante no mercado mundial, atualmente em grande expansão.

As flores, como “expressão do amor”, estão presentes em todos acontecimentos: do nascimento à morte. Independentemente do evento, em qualquer segmento as flores encontram-se presentes. Elas desenvolvem importante papel como elementos principais em congressos, seminários, conferências, feiras etc, no setor de floricultura ou, contribuindo de maneira estratégica, desempenhando um importante papel decorativo em eventos de outra natureza. A simples presença de flores relaxa a alma.

Diz a lenda que a rainha de Sabá queria dar um presente ao Rei Salomão. Na dúvida, pediu ajuda a uma de suas escravas, que lhe disse: “Ao maior dos reis, leve um feixe de orquídeas”. Mesmo tendo passado três mil anos, as flores nunca saíram de moda (SZKLARZ, 2001).

Mais que belos presentes, as flores são fontes de serenidade e prazer. Além disso, transmitem calma e paz. A rosa teria surgido do sangue de Afrodite, deusa do amor, quando, um dia, em busca de seu amado Adônis, mortalmente ferido por um javali, ela feriu-se em um dos dedos da mão numa planta cheia de espinhos, o sangue que escorreu transformou-se numa flor. Isso nos conta a mitologia grega.

As flores e as plantas ornamentais também são elementos indispensáveis como componentes paisagísticos. Atendem os mais diferentes objetivos nas praças, nos parques, canteiros centrais de avenidas e pórticos de entrada das cidades. Elas ocupam lugar de singular importância no contexto turístico. Destaques feitos para o Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro; o Parque Ibirapuera, em São Paulo; e para inúmeros jardins e pórticos de cidades no Brasil e no exterior.

Flores e plantas ornamentais constituem elementos especiais na composição cênica da paisagem e, com o passar do tempo, contribuem para a estabilização dos locais ambientados, com múltiplos objetivos, conferindo resultados positivos às cidades e, conseqüentemente, ao turismo.

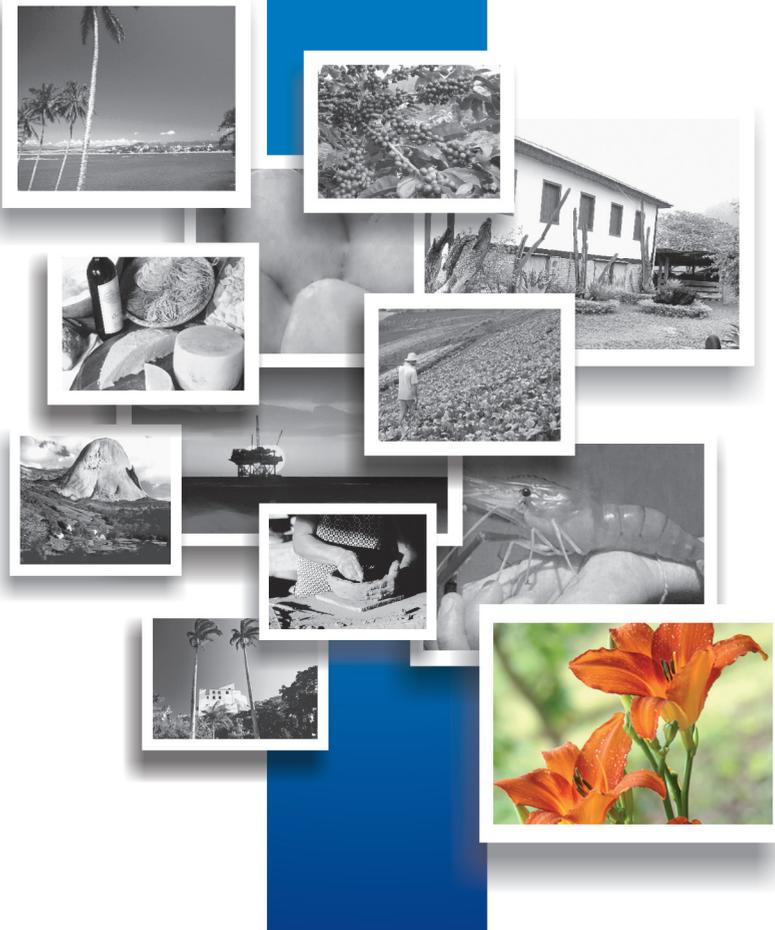
Na opinião da doutora em Produção de Plantas Ornamentais, Atelene Normann Kämpf, professora do Programa de Pós-graduação em Fitotecnia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), as flores podem ser um forte filão do turismo. Uma cidade, diz ela, pode criar parques ou praças e atrair visitantes. “Na França, existe o Parque das Rosas”, ressalta.

Em termos mundiais, a produção de flores e plantas ornamentais ocupa uma área de aproximadamente 190 mil hectares e movimenta negócios, em toda a cadeia produtiva, na ordem de US\$ 16 bilhões.

O principal exportador mundial é a Holanda, com US\$ 3,8 bilhões em 2000. A Colômbia é o segundo maior exportador, com mais de US\$ 500 milhões, segundo reportagem do jornal *Hoje em Dia* (2005).

A Europa e países como os Estados Unidos e o Japão constituem-se nos principais consumidores, com valores expressivos de US\$ 2, US\$ 6 e US\$ 3 bilhões, respectivamente, de acordo com *Matsunaga* (1995).

Os últimos três anos, no Brasil, foram de expansão da floricultura e de plantas ornamentais, com o faturamento da cadeia – fornecimento, transporte, distribuição, comércio varejista e arte floral – subindo de R\$ 1,7 bilhão em 2002, para R\$ 2 bilhões em 2004, crescimento de 17% (HOJE EM DIA, 2005).





3 DIAGNÓSTICO DO SEGMENTO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO BRASIL



A floricultura no Brasil está associada, principalmente, à sustentabilidade da pequena propriedade rural, em que a produção mantém o homem no campo. Segundo Rubens Aguiar, da Secretaria da Agricultura e Pecuária do Ceará (Seagri), essa atividade exige pouca terra e tem alta rentabilidade. Um hectare plantado com rosas emprega até 15 pessoas e a receita varia de R\$ 100 mil a R\$ 200 mil por ano. Já o cultivo de frutas, como uva ou manga, na mesma área, emprega até três pessoas e a receita é de R\$ 10 mil por ano.

Nas contas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o plantio de flores em um hectare de terra pode render 30 vezes mais que o de milho.

Sérgio Puppo Nogueira, presidente do Ibraflor, faz uma recomendação aos que estão interessados nessa cultura: “Não cair de pára-quadras”. O setor é difícil; exige qualidade dos produtos e tecnologia no cultivo. Nogueira recomenda aos novos produtores, antes de iniciar as atividades, conhecer o mercado, escolher o produto certo para a região e buscar consultoria de órgãos especializados.

A cadeia de produção de flores é rica. Na fase de produção, por exemplo, o empreendedor precisará de insumos, garantidos por fornecedores de vasos, adubos, terra, água e energia elétrica. Apenas as sementes são importadas.

Na hora da comercialização, o setor cria um novo mercado com o comprador direto, o atacadista, o paisagista ou o varejista. A pessoa que deseja trabalhar com flores, segundo a professora Atelene, tem de estar tecnicamente preparada, pois até o transporte das plantas precisa ser especial. A produção de substrato é um dos pontos da cadeia destacados pela docente. A fabricação dessa mercadoria, usada para substituir o solo durante a semeadura, é ainda pequena no Brasil. Com o uso do substrato, o produtor evita a utilização do brometo de metila, atualmente proibido. É óbvio que todos os benefícios apontados dependem de investimentos. Segundo Atelene (apud GAZETA DO SUL, 2000) “Para acompanhar o desenvolvimento tecnológico, o indivíduo tem que ter formação técnica”.

Com uma área coberta de 29.900m², o Mercado Permanente de Flores e Plantas Ornamentais da Ceasa de Campinas está consolidado entre os maiores e melhores centros de comercialização de flores e plantas do País. É o primeiro mercado permanente de flores em área coberta do Brasil e o maior da América Latina.

Com um movimento médio da ordem de R\$ 6 milhões por mês e mais de 5 mil toneladas de produtos ofertados, o mercado de flores das Centrais de Abastecimento S/A (Ceasa) de Campinas vem registrando crescimento de 24% ao ano no volume de comercialização, principalmente no setor de plantas ornamentais para jardinagem e paisagismo. Recebe mensalmente cerca de 20 mil pessoas vindas das cinco regiões do País e dos mais variados ramos – atacadistas, supermercados, floriculturas, varejistas, paisagistas, decoradores, *garden centers*, hotéis, restaurantes, entre outros. O Mercado tinha mais de 5,3 mil empresas cadastradas até dezembro de 2002.

O mercado brasileiro de flores encontra-se estagnado após anos seguidos de crescimento, mas as exportações devem crescer mais de 30% e atingir o valor recorde de cerca de US\$ 25 milhões. Há quatro anos, as vendas externas do setor não passavam de US\$ 9 milhões. Os Estados Unidos são os maiores compradores. Estes, que antes importavam da Colômbia, agora dão preferência aos produtos do Brasil (SILVA, 2004).

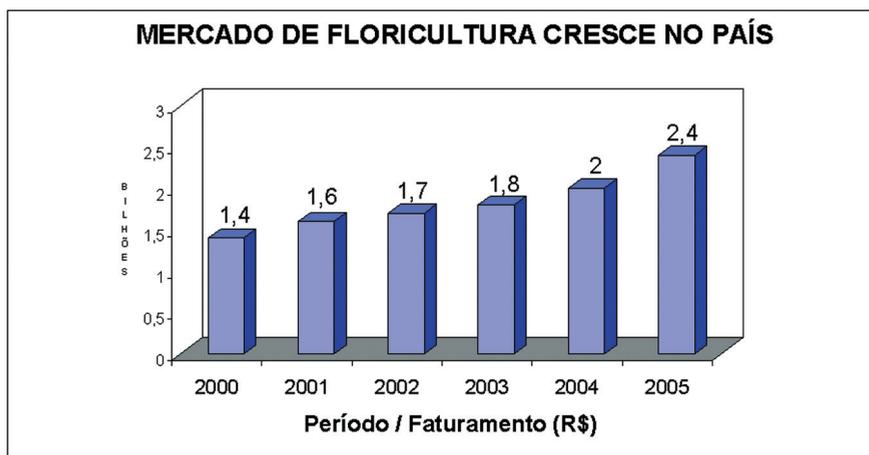
Só as exportações para os EUA cresceram mais de 80% no primeiro semestre de 2004 para cerca de US\$ 3 milhões, diz o presidente do Ibraflor, Sérgio Pupo Nogueira. O Japão também ampliou a compra de orquídeas em 62%. De acordo com Nogueira, “[...] os produtores realizaram investimentos, houve acordos que reduziram a burocracia e hoje o Brasil começa a ganhar tradição como exportador de flores.”

Os produtores de Holambra (SP), maior pólo de flores e plantas do País, esperam este ano aumentar em 300% as exportações, que devem somar 14 milhões de hastes de flores de corte, o equivalente a R\$ 3 milhões. As vendas são feitas pela Cooperativa *Veiling* Holambra, que entrou no mercado externo há apenas um ano. Os clientes são os EUA, Portugal e Holanda, mas há negociações com países do Oriente Médio, Argentina, Canadá, França e Inglaterra, afirma Rubens Oliveira, gerente de comércio exterior do *Veiling*.

Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA) e o Conselho Nacional dos Sistemas Estaduais de Pesquisa Agropecuária (2005),

O Distrito Federal como mercado consumidor de flores e plantas ornamentais é um dos mais atraentes no cenário nacional. Semanalmente chegam a Brasília, cerca de 20 caminhões de flores e plantas ornamentais oriundas de outras regiões do país, fazendo da cidade um mercado de demanda. Estima-se que 95% dos produtos comercializados nas floriculturas e nos viveiros são importados. Embora haja alguns produtores nesse setor, ainda há muito espaço a ser ocupados pelos produtores do Distrito Federal.

O Quadro 1 mostra que:



Quadro 1 – 2,4 bilhões foi a estimativa para o ano de 2005.

Foi constatado no último censo agropecuário até novembro de 2004, quando se deu a publicação da análise dos dados referentes à produção de flores e plantas ornamentais, que houve significativa expansão da área cultivada com flores e plantas ornamentais não só nas áreas produtivas tradicionais (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), mas também em áreas que passaram a desenvolver esse cultivo sistematicamente.

Atualmente, há importantes núcleos de produção de flores e plantas ornamentais em regiões onde existiam colônias de imigrantes asiáticos (japoneses) e europeus, como é o caso de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Pernambuco.

A Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) e a Prefeitura de Barra do Choça (BA) firmaram termo de comodato pelo qual a empresa estadual cede área para o município produzir flores temperadas, dentro das ações do projeto Flores da Bahia. O projeto prevê o cultivo de um hectare e meio em estufa e quase meio hectare em campo, com cravo, crisântemo, lírio, rosa, gypsophila e gérbera. Como o manejo em estufa garante maior produtividade e qualidade às flores, somente um hectare de rosas pode render ao produtor seiscentas mil dúzias, a partir do primeiro ano de plantio, segundo informações da Divisão de Fruticultura e Olericultura da EBDA. Barra do Choça destaca-se economicamente por ser o maior produtor de café do Nordeste brasileiro, pela produção de mel, pimenta e criação de gado leiteiro. A floricultura é mais um item de diversificação agrícola, disse o Secretário Municipal de Agricultura, Gesiel Ribeiro de Oliveira. A produção de flores no município é feita principalmente em quintais e agora terá foco comercial, que é o objetivo do projeto Flores da Bahia, segundo a Secretaria da Agricultura e Pecuária da Bahia (Seagri/BA).

No Ceará, outro pólo importante de produção e exportação, o governo estadual também vê nas flores uma saída para elevar o emprego no campo e aumentar a renda dos produtores. A floricultura exige pouca terra e tem alta rentabilidade, diz Rubens Aguiar, da Secretaria da Agricultura e Pecuária do Ceará (Seagri-CE).

A expectativa das exportações cearenses de flores para 2004 era algo em torno de US\$ 2 milhões, segundo o assessor técnico do Projeto Flores, João Batista Salmito, da Seagri-CE. Com quatro anos de atuação, o Projeto Flores tem sido responsável pela expansão da floricultura no Ceará, principalmente na exportação. Dados da Seagri indicam que o faturamento com as vendas para o exterior subiu de US\$ 131 mil, em 2001, para US\$ 442 mil, em 2002, e no ano de 2004, somente até outubro, já havia atingido US\$ 635 mil. Destaque para o mercado europeu, atualmente o maior comprador. Mas, as ações do Projeto não se resumem à produção voltada para o mercado externo. "O Projeto tem como objetivo implantar pólos de desenvolvimento da floricultura, trabalhando com todo o arranjo produtivo", explica Salmito. O trabalho envolve iniciativas de capacitação técnica para produtores e técnicos agrícolas, pesquisas, transferência tecnológica e formação de bancos de dados sobre o setor (EXPOSIÇÕES..., 2003).

Além de Pernambuco e Ceará, outros Estados do Nordeste, tais como Alagoas e Rio Grande do Norte também se incorporaram à floricultura por meio da bem sucedida produção de plantas tropicais, com destaque para Pernambuco e Ceará. Já na região Sul do Brasil, os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul investiram em alta tecnologia, optando pela produção de flores de corte e ou de plantas para jardins – arbustos e árvores.

Estima-se que cerca de 7.600 produtores em 1.500 municípios brasileiros dedicam-se à floricultura em tempo parcial ou integral, com a área cultivada de 9 mil hectares. A floricultura brasileira utiliza cerca de 33,3 mil trabalhadores rurais diretos, dos quais 19 mil só no Estado de São Paulo, empregando em média 3,7 homens para cada hectare de área cultivada. O valor do mercado da floricultura brasileira, em 2002, é estimado nessa pesquisa em cerca de R\$ 500 milhões (produtor), R\$ 750 milhões (atacado) e R\$ 1,5 bilhão (varejo), com o consumo *per capita*, na região Sul do Brasil, de R\$ 8,50 ao ano.

Paulo Fernandes, coordenador da Expoflora, evento realizado anualmente em Holambra (SP), diz que os brasileiros gastam, em média, US\$ 6,00 por ano com flores. Ainda é uma média muito baixa, quando comparada com as médias de US\$ 25,00 consumo na América Latina, e de US\$ 100,00 na Europa.

No segmento da floricultura, as exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais atingiram US\$ 2,69 milhões em julho de 2004, resultado que é 25,8% superior ao verificado no mesmo período de 2003. O segmento das mudas de plantas ornamentais continua atingindo os maiores valores exportados na composição estrutural do setor agroexportador de flores e plantas do Brasil, que acumulou até julho de 2004 vendas internacionais da ordem de US\$ 7,33 milhões, representando 50,75% do valor total exportado pelo País. No período de janeiro a julho de 2004, os maiores valores embarcados pelo setor tiveram como destino a Holanda, com 44,4% do total, 5,10% a mais em relação ao mesmo período do ano anterior. Em importância econômica, em segundo lugar, encontra-se a Itália (12,58%); em terceiro, os EUA (10,88%); em quarto, o Japão (10,84%); e, em quinto, a Bélgica (5,28%). Além desses, há outros 15 países. O Brasil detém um dos maiores parques mundiais produtores de mudas, especialmente de estacas de crisântemos, fora da Holanda (JUNQUEIRA; PEETZ, 2004).

Percebe-se a escassez de informações sobre área cultivada, produção por hectare, número de produtores, receita, exportação e financiamento em nível de Estado. Os dados da Tabela 1 se reportam ao *Censo agropecuário, 1995 a 1996* – do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Embora se refiram ao biênio 95 e 96, são resultados inéditos, principalmente pela abrangência nacional dos dados que tiveram como objetivo reunir e analisar informações sobre a estrutura do setor produtivo de planas e flores ornamentais, com o propósito de contribuir para o conhecimento de seu potencial socioeconômico e subsidiar políticas e programas de apoio governamental.

Tabela 1 – Estabelecimentos agropecuários investigados, grupos de área total e receita, no período de agosto de 1995 a junho de 1996.

Grupo de área (ha)	Estabelecimentos investigados		Estabelecimentos produtores de flores e plantas ornamentais					
	Número de informantes	Área total (ha)	Com receita em flores e plantas ornamentais		Com atividade principal em flores e plantas ornamentais			
			Número de informantes	Área total (ha)	Nº de informantes	Área total (ha)	Receita total (R\$ 1.000)	Receita somente com flores e plantas ornamentais (R\$ 1.000)
Total	4.859.865	353.611.246	7.561	434.935	2.963	72.488	178.781	163.291
Menos de 10	2.402.374	7.882.194	4.324	14.660	1.941	6.089	66.735	64.053
10 A menos de 100	1.916.487	62.693.585	2.807	80.352	961	24.359	96.583	86.964
100 A Menos de 1000	469.964	123.541.517	371	96.675	77	20.094	11.598	10.211
1.000 A Menos de 10.000	47.174	108.171.255	30	72.131	8	21.976	3.828	2.043

Fonte: IBGE (1998).

No *Censo agropecuário, 1995/1996* (IBGE, 1998), último resultado censitário oficial do Brasil, constatou-se que no universo de 4.859.865 estabelecimentos agropecuários investigados em área total de 353.611.246ha, apenas 7561 (0,16%), distribuídos em 434.935ha, 1,23% tiveram alguma receita com flores e plantas ornamentais. Os estabelecimentos com atividade principal em flores e plantas ornamentais constituíram 2.963 (0,06%) em área de 72.488ha (0,20%).

Dos 7.561 estabelecimentos produtores de flores e plantas ornamentais investigados, que apresentavam alguma receita, deve-se destacar que apenas 2.963, ou seja, 39,19% são aqueles cuja atividade econômica principal é a produção de flores e plantas ornamentais. Esses estabelecimentos (2.963) obtiveram uma receita total de R\$ 178.781.000,00 – sendo R\$ 163.291.000,00 só com a produção de flores e plantas ornamentais no ano, de acordo com a Tabela 1. Observa-se também que a maioria dos estabelecimentos agropecuários do Brasil (49,43%), em todos seus segmentos, lavoura temporária e fixa, pecuária, pesca, produção de carvão, horticultura, produção de flores, silvicultura e outros, situa-se na faixa de menos de 10ha, ou seja, a maioria dos estabelecimentos é de pequeno porte. Já os estabelecimentos cuja atividade principal é a horticultura ornamental têm sua maior concentração em áreas de 10ha a menos de 100ha. A análise anterior foi avaliada com mais ênfase no grupo de estabelecimentos, cuja atividade principal é a produção de flores e plantas ornamentais, pois esse grupo provavelmente irá melhor refletir as características do produtor no setor.

Mesmo que, percentualmente, o setor de flores e plantas ornamentais brasileiras seja muito pequeno em relação à totalidade do setor agropecuário, ele pode ser muito significativo para o País, porque as flores e as plantas ornamentais são produtos de alto valor agregado.



4 PANORAMA DA FLORICULTURA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



O Estado do Espírito Santo possui características edafoclimáticas altamente favoráveis ao cultivo de flores e plantas ornamentais, porém, tradicionalmente, essa atividade é pouco explorada no Estado, se comparada com a cafeicultura, com a pecuária e com a fruticultura.

Na área de produção, houve avanço da floricultura estadual nos últimos anos, com destaques para a cultura de orquídeas, que tem seu maior pólo de produção situado em Alto Caxixe, município de Venda Nova do Imigrante. Por integrar uma atividade que necessita de pequenas áreas para sua implantação, a floricultura tem sido adotada em programas de diversificação agrícola, em propriedades de base familiar e em assentamentos rurais. No entanto, para se obterem resultados satisfatórios, serão necessários maiores investimentos básicos, tais como: utilização de estufas, fertilizantes, sistema de irrigação adequado etc., além de treinamentos específicos da mão-de-obra.

O Estado possui uma área de aproximadamente 138ha destinada à floricultura, sendo 30ha cultivados com flores. Desses, 13ha são cultivados em estufas; 20ha, com plantas ornamentais arbustivas; 8ha, com plantas ornamentais para forração de canteiros; e cerca de 80ha, com grama. Todos esses cultivos estão distribuídos em 170 propriedades, em 20 municípios.

Já na fase de produção, a floricultura capixaba gera em torno de 600 empregos diretos. As principais espécies produzidas são: copo de leite (8,53ha); rosa (5,32ha); antúrio (6,38ha); crisântemo (1,34ha); gérbera (1,24ha) e gypsofila “branquinha” (0,45ha). O valor de produção da floricultura em todo o Estado do Espírito Santo é da ordem de R\$ 3.795.190,00. Grande quantidade de copo de leite, junco, tango, entre outras espécies, são exportadas para São Paulo. Bulbo e rizoma de helicônia são destinados ao Paraná (PEDEAG, 2003).

Não foi encontrada nenhuma referência a respeito de exportações de flores e plantas ornamentais do Espírito Santo para o mercado exterior.

Atualmente, a maior produção da floricultura capixaba, destacando-se flores temperadas, bulbos e rizomas, concentra-se na região centro-serrana, nos municípios de Venda Nova do Imigrante, Domingos Martins, Marechal Floriano, Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Alfredo Chaves e na região do Caparaó, no município de Lúna. Timidamente, o município de Linhares começa a se destacar como produtor de plantas ornamentais e, em maior escala, na produção de grama. Também foi realizado recentemente, nesse município, um plantio de flores tropicais numa área de 2ha, objetivando flor para corte, segundo relato do engenheiro agrônomo, mestre Narciso B. Freitas, da Delegacia Regional do Ministério da Agricultura de Pernambuco.

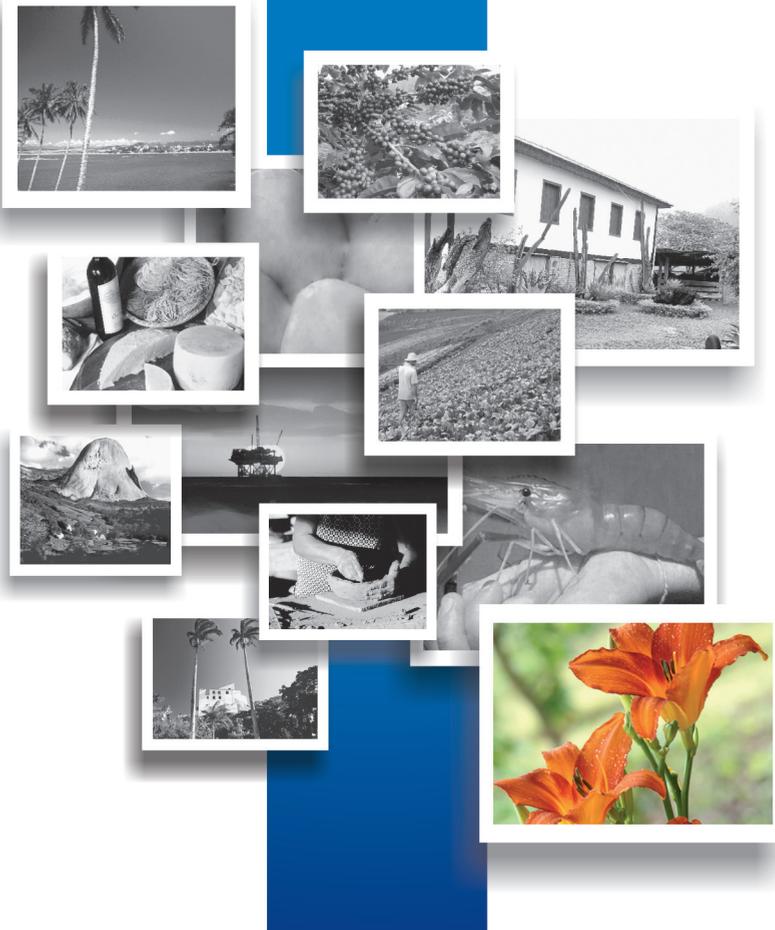
O turismo rural no Espírito Santo, também, encontra-se em desenvolvimento nos municípios da região centro-serrana: Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, Venda Nova do Imigrante, Marechal Floriano, Domingo Martins, Vargem Alta, na região do Caparaó e nos

municípios do seu entorno, todos dotados de hotéis, pousadas, calendário de eventos e pontos turísticos (PASTE; SÁ, [19--]).

O Espírito Santo possui aproximadamente 200 pontos de vendas, distribuídos em todo o Estado. Entre eles, há floriculturas, supermercados, empresas de jardinagem e paisagismo, segmentos na área de decoração etc. Para atender a demanda estadual, além da produção interna, são importados de outros Estados entre 10 e 12 caminhões trucados por semana. A influência da sazonalidade na comercialização de flores nas datas comemorativas do dia das mães, dos namorados, dia internacional da mulher, páscoa, dia de finados, natal e festas de fim de ano pode elevar o consumo em até 100% em relação às épocas normais.

As flores e as plantas ornamentais importadas de outros Estados representam 80% da demanda total do Espírito Santo. O Estado de São Paulo, por meio da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), *Veiling* Holambra e Ceasa de Campinas, é responsável por 80% do suprimento e 20% distribuídos, em maior escala, entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, seguidos de outros Estados com menor escala de contribuição. O preço de flores e plantas ornamentais importadas de outras unidades federativas é considerado caro. Encarece-as o transporte que as trazem de distâncias longínquas. Além disso, perdem-se até 20% das plantas em consequência do manuseio e da embalagem inadequados e, principalmente, da deficiência no planejamento de distribuição e de venda.

O segmento de plantas ornamentais tem como clientes principais: consumidores individuais, condomínios, construtoras, arquitetos, paisagistas, empresas administradoras de condomínios, jardinistas e jardineiros.





5 PARALELO ENTRE A FLORICULTURA CAPIXABA E A PERNAMBUCANA



Assim como o Estado de Pernambuco, o Espírito Santo tem características edafoclimáticas ideais para o desenvolvimento da floricultura tanto para produção de flores de clima tropical (em áreas de até 500m de altitude) quanto para produção de flores de clima temperado (em áreas de montanhas, acima de 500m de altitude). As plantas ornamentais podem ser cultivadas em ambas as áreas, dependendo das espécies selecionadas.

Pernambuco está entre os cinco principais produtores do Brasil no setor de floricultura, ocupando o primeiro lugar na produção de flores tropicais e é destaque nacional. Mesmo assim, num total de 197 produtores, apenas 32 estão produzindo flores tropicais; os demais 165 produtores cultivam flores temperadas.

As flores tropicais foram introduzidas em Pernambuco pelo paisagista Burle Marx, em 1934, para ambientação de praças, em função da beleza e do encanto reconhecidos no mundo inteiro.

Para suprir a demanda de flores e plantas ornamentais, assim como o Espírito Santo, Pernambuco importa de outros Estados da federação em torno de 42% do consumo total, principalmente, do Estado de São Paulo (SEBRAE/PE, 2002). Com base nesses dados, pode-se constatar o grande potencial mercadológico interno que existe em ambos Estados.

Segundo o presidente da Comissão de Floricultura de Pernambuco da Federação da Agricultura de Pernambuco (Faepe), o sr. Juarez da Silva Souza, a cadeia produtiva desse Estado é formada por uma comissão, uma cooperativa de plantas de clima tropical, uma cooperativa de plantas de clima temperado, seis associações de plantas de clima tropical, duas associações de plantas de clima temperado e um consórcio. Em decorrência dessa organização e da grande rede de apoio por meio do Sebrae/PE, o setor está tendo um crescimento na ordem de 20% ao ano, já exportando para vários países da Europa: Alemanha, Itália, Portugal, Grã-Bretanha e França.

A jornalista Maria do Carmo Ferraz Teixeira, uma das pioneiras do Estado de Pernambuco na produção de flores tropicais, com início em 1993, relata que o fortalecimento da floricultura desse Estado se deu a partir de medidas efetivas em busca de informações. Nesse sentido, houve participação em congressos, seminários, feiras, eventos e cursos específicos no setor, sem desmerecer os inúmeros contatos mantidos com produtores de outros Estados, pesquisadores e estudiosos do assunto.

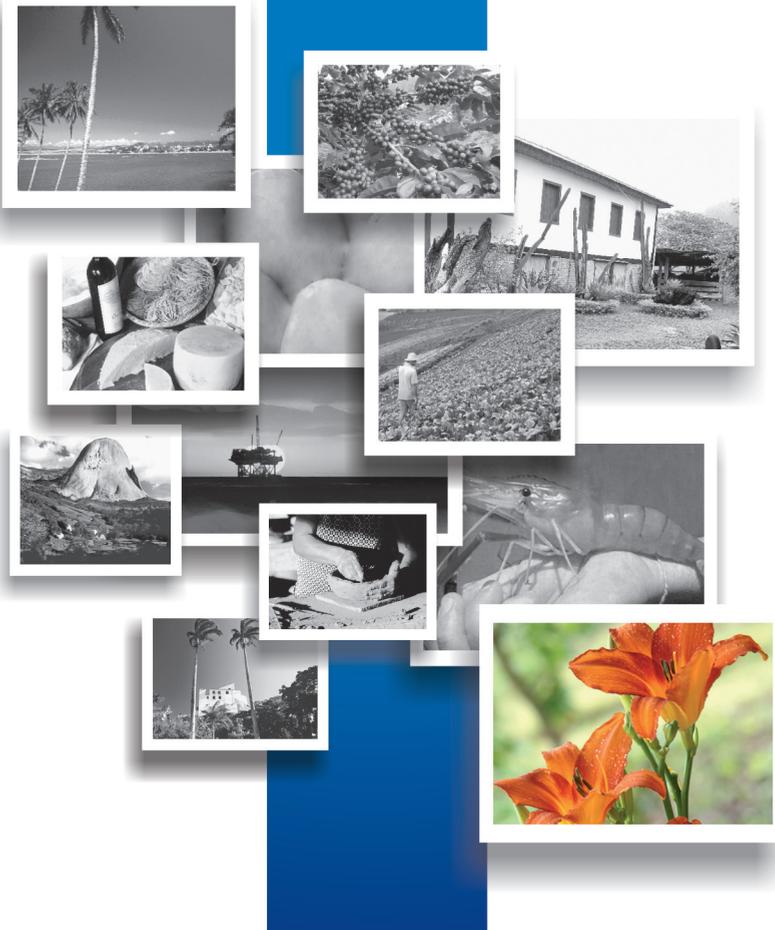
Missões a países como, Holanda, Itália, Equador, Argentina, Espanha, França e Costa Rica – com patrocínio ou apoio do Sebrae/PE – foram executadas, com objetivo de proporcionar aos participantes a oportunidade de adquirir novos conhecimentos, estabelecer intercâmbio técnico-administrativo entre instituições, profissionais e produtores, bem como buscar novas espécies e variedades com potencial mercadológico.

As plantas tropicais são cultivadas normalmente em áreas de campos abertos, de solos ricos em matéria orgânica, sendo, também, locais protegidos por quebra-ventos naturais (árvores, bambus, arbustos) e sombreados por árvores como as eritrinas, o sombreiro, entre outras. Elas exigem infraestrutura de plantio bem mais simples que as flores temperadas, a despeito de ser indispensável a instalação de um projeto de irrigação, de preferência, irrigação por microaspersão.

É notável que para se desenvolver o pólo de floricultura do Espírito Santo, principalmente introduzindo a cultura de flores tropicais, ações efetivas como as aplicadas no Estado de Pernambuco têm de ser urgentemente adotadas.

Acredita-se que após a execução do novo aeroporto, maiores facilidades serão conquistadas para exportação, sobretudo por ser fato que a existência do trabalho de logística desenvolvido em torno da fruticultura para exportação poderá servir de base para a floricultura, em função das semelhanças nos procedimentos.

Importa ressaltar que as flores tropicais não necessitam de refrigeração para efeito de transporte, nem de conservação nos entrepostos e nos aeroportos (de 15°C a 35°C), devido às características de rusticidade. As flores duram em torno de quinze dias após a colheita.





6 IMPACTO DA FLORICULTURA NO TURISMO



Turismo – no dicionário de língua portuguesa – tem como definição, entre outras, a “[...] viagem ou excursão feita por prazer a locais que despertam interesse e o conjunto dos serviços necessários para atrair aqueles que fazem turismo e dispensa-lhes atendimento por meio de itinerários, guias, acomodações, transporte etc” (FERREIRA, 1986, p. 1728).

O turismo é uma das mais promissoras fontes econômicas do planeta e tem sido considerado um dos três líderes mundiais em produtividade. Capaz de gerar empregos e renda, a atividade pode contribuir muito para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do País.

O Espírito Santo, com cerca de 400km de litoral, adornado por belas praias e montanhas (de belezas exuberantes), é dotado de um inquestionável potencial turístico crescente nos últimos anos. Existem mais de vinte classificações para o turismo, segundo informações do *Convention & Visitors Bureau* (2004).

Em alguns casos, a floricultura pode exercer efeito direto sobre o turismo como elemento principal, a exemplo do turismo de negócios, turismo de eventos, turismo de lazer, turismo rural, ecoturismo, agroturismo, entre outros.

As atividades de turismo não-litorâneas são emergentes no Estado do Espírito Santo. Foi baseado nesse contexto que o governo estadual passou a incentivar essas atividades em áreas rurais, a fim de gerar oportunidades de emprego e renda para as populações dessas áreas.

Como em todo o País, a modernização agrícola expulsou muitos trabalhadores do campo. Os pequenos proprietários que insistiram em ficar, permaneceram à margem do processo produtivo. O governo do Estado, sensibilizado, elegeu o agroturismo como fomentador do desenvolvimento da região (PORTUGUEZ, 1999).

O Brasil, por suas inúmeras propriedades rurais demarcadas por uma enorme riqueza cultural e por paisagens naturais, tem desenvolvido atividades ligadas ao turismo rural. Essa forma de turismo tem como fundamento o contato e a interação do homem dos grandes centros urbanos com o meio rural.

Sabe-se que a humanidade sempre buscou menos trabalho e mais tempo livre. Para isso, inventou as ferramentas, desde o machado e a roda até os robôs e os computadores, que permitiram inclusive o trabalho em casa.

Com o avanço da medicina, a média da expectativa de vida é de 71 anos, sendo 67,3 para homens e 74,9 para mulheres. A aposentadoria chega em média aos 65 anos, aspecto positivo para quem trabalha com paisagismo, posto que há grande tendência no aumento da demandada por áreas turísticas, parques temáticos, *playgrounds* etc. Os mercados que mais irão gerar demandas por plantas ornamentais (forrações, arbustos baixos, arbustos altos), palmeiras e árvores, segundo o Congresso

de Florença (IFLA) e de Los Angeles (Asla), serão os jardins residenciais unifamiliares, os jardins de edifícios de condomínios residenciais ou condomínios comerciais, escritórios, indústrias, hotéis, *resorts*, áreas turísticas, arborização urbana, praças urbanas, rodovias, ferrovias, parques nacionais e áreas de preservação.

Com a expansão efetiva de tal mercado, o turismo será o grande beneficiado, uma vez que as cidades passarão a ter locais mais aconchegantes, temperaturas amenas, maior espaço para lazer contemplativo etc. A presença constante da ave-fauna, principalmente se houver preocupação com a escolha de plantas, com maior importância biológica – por apresentarem aromas, flores, frutos e sementes que servem de alimento para as aves –, transporta-nos às nossas verdadeiras raízes e origens.

Médicos e terapeutas têm sugerido maior contato com a natureza, como forma de acabar com o estresse cotidiano (NOVOS..., 2004). Para alegria dos empresários ligados ao setor imobiliário, houve sensível aumento na procura por pequenos sítios, com áreas entre 5ha e 15ha. Também houve grande demanda por lotes situados em condomínios localizados em áreas rurais.

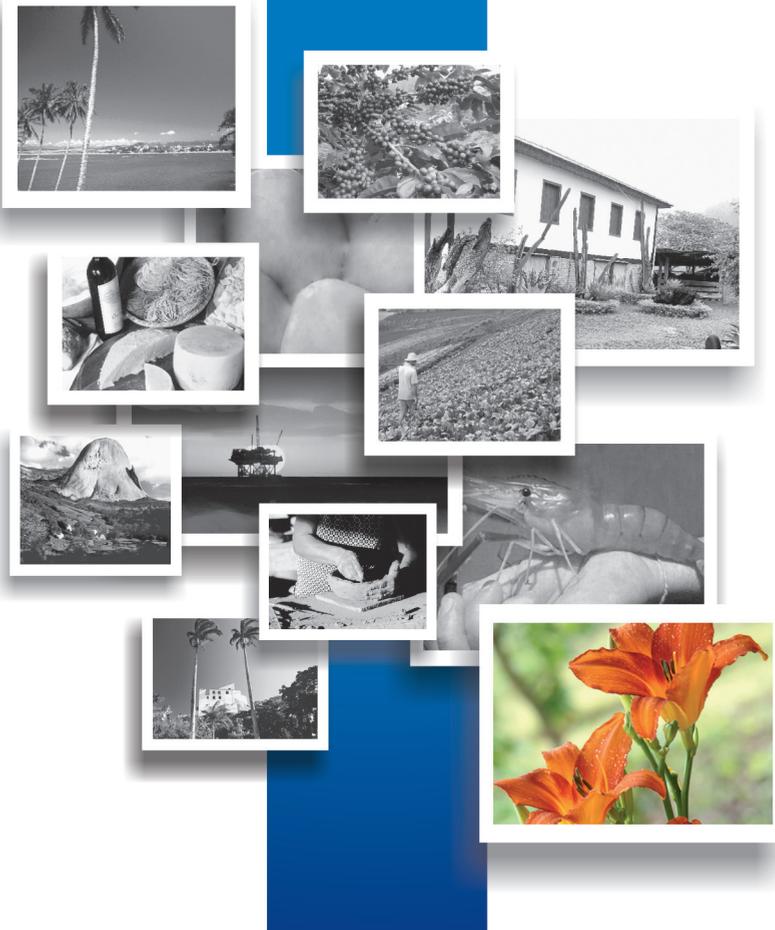
No Espírito Santo, há uma sensível preferência pelos condomínios localizados em áreas de montanhas, com extensos gramados coletivos, setor de esporte, formados por lotes com áreas médias acima de 1.000m², que permitem a execução de jardim particular, com presença constante de flores, hortaliças e frutas.

No entorno dessas áreas, surgem sempre as cafeterias, os restaurantes com comida caseira típica da região, locais para venda de produtos artesanais, além das propriedades vizinhas que integram o circuito de agroturismo, ecoturismo ou turismo rural. É notável o efeito dos jardins compondo a paisagem de campos floridos, imprimindo benefícios diretos sobre o turismo de lazer.

Obviamente que o sucesso desses empreendimentos está diretamente ligado às preocupações e ações do empreendedor quanto ao fazê-los de forma ecológica – da elaboração à gestão do projeto – em todas as suas interfaces econômicas, sociais, culturais e, principalmente, ambientais, de forma que haja sensibilidade, responsabilidade e comprometimento, para que se efetive o desenvolvimento rural sustentável.

De acordo com depoimentos de pessoas ligadas ao segmento de agroturismo ou ecoturismo, as flores e as plantas ornamentais são elementos de crucial importância na composição da paisagem. É evidente a preferência do turista por propriedades rurais em que os proprietários, além de manterem as características de origem rural no seu caminhar, vestir e falar, conservam certa sensibilidade em relação ao belo, cultivando flores e plantas ornamentais nos diferentes ambientes da propriedade, enriquecendo a paisagem e atraindo beija-flores, borboletas etc.

O cultivo de flores e plantas ornamentais, como fonte de renda alternativa e/ou complementar da propriedade rural, deve ser precedido de planejamento técnico criterioso, treinamento da mão-de-obra operacional etc. Quanto à opção por flores tropicais, temperadas ou plantas ornamentais, isso depende de vários fatores, tais como: localização, facilidade de transporte, possibilidade de construir estufa de plástico, área coberta com tela para sombreamento, topografia, altitude, temperatura média anual, disponibilidade de água para irrigação, energia elétrica, distância do mercado consumidor, entre outros.





7 PRINCIPAIS EVENTOS LIGADOS AO SETOR DE FLORICULTURA



O segmento da Horticultura Ornamental, envolvendo as cadeias produtivas de flores e plantas ornamentais, tem atingido índices significativos de crescimento e importância para o setor do agronegócio brasileiro. Fato que pode ser confirmado por meio do amplo calendário de feiras e eventos técnicos e científicos oferecidos em praticamente todos os Estados da federação brasileira.

O *Tropical Invest* – Fórum Tropical e Feira de Flores Tropicais e Plantas Ornamentais – teve um saldo positivo, segundo os organizadores. O evento, que foi realizado pela Comissão de Floricultura da Faepe entre os dias 23 e 27 de abril de 2003 em Recife (PE), reuniu, nas palestras, 360 participantes: quase 20% a mais do que fora previsto.

7.1 FEIRAS E FESTIVAL DE FLORICULTURA NO BRASIL

Mês de março

1. Agroflores, em Fortaleza (CE);
2. Enflor (Encontro Nacional de Floristas), em Holambra (SP).

Mês de abril

1. *Garden Fair* (Tecnologia em Jardinagem e Paisagismo), em Holambra (SP);
2. Hort (Flor de Atibaia), em Atibaia (SP);
3. Hortifeira, em Joinville (SC);
4. Flor Invest, em Recife (PE).

Mês de maio

1. II Feira do Agronegócio da Floricultura Capixaba (Expoflor, ES), de 27 a 29;
2. Enflorj (Encontro de Floricultura e Plantas Ornamentais do Estado do Rio de Janeiro), no Rio de Janeiro (RJ);
3. Flor Pará, em Belém (PA).

Mês de junho

1. IV Feira do Agronegócio Hortícola no ES (IV Hortifeira), em Venda Nova do Imigrante (ES);
2. Hortitec, em Holambra (SP);
3. Sulflores (Encontro Técnico sobre Floricultura e Paisagismo), em Curitiba (PR).

Mês de setembro

1. II Festival de Flores e Plantas Ornamentais de Santa Teresa (ES), de 23 a 25;
2. Fiaflora (Feira Internacional de Floricultura, Paisagismo e Jardinagem), em São Paulo (SP).

Mês de novembro

1. Feira do Verde (Exposição de Orquídeas e Bonsai, ES), de 11 a 13;
2. Fenagri (Feira Nacional da Agricultura Irrigada), em Petrolina (PE);
3. *Work Shop* de Orquídeas, em Viçosa (MG);
4. Il Bahia Flores (Encontro de Floricultura da Bahia), em Salvador (BA).

Os municípios serranos do Estado do Espírito Santo, produtores de flores e plantas ornamentais, vêm se consolidando como principais opções no agronegócio, agroturismo e na promoção de eventos e feiras. Tais iniciativas proporcionam geração de empregos diretos e indiretos, novos investimentos no segmento de hotelaria, além do desenvolvimento de recursos financeiros e de talentos humanos, com a finalidade de melhorar o atendimento ao turista.

Destaque merecedor deve ser dado a região de Pedra Azul, município de Domingos Martins, que promove a tão famosa Feira do Vinho, com freqüências ilustres e grande potencial divulgador do agroecoturismo capixaba.

O Ministro do Turismo, Walfrido dos Mares Guia, como paraninfo dos formandos em Turismo do Centro Universitário Newton Paiva, em Belo Horizonte (MG), discursou sobre o enfoque dos cenários para o turismo no Brasil e a interferência da Política Pública no setor: “[...] há lugar para todos os formandos no mercado de trabalho, mas [mandou um recado sério]: vocês têm de pensar como empreendedores”.

7.2 FEIRAS E EXPOSIÇÕES NO EXTERIOR

Chelsea Flower Show – Ocorre em Londres, na Inglaterra, durante o mês de maio, com duração de cinco dias; é a mais popular e importante exposição do setor, no mundo.

Sem informação de data

1. Iberflora, na Espanha;
2. *International Flower Trade Show*, em Amsterdã.

Mês de janeiro

1. Agromek, em *Herning, Denmark*;
2. IPM 2005, em *Essen, Germany*.

Mês de setembro

1. VIV China 2004, *Everbright Convention and Exhibition Center, em Shanghai*;
2. Space 2004, em *Rennes Cedex, France*.

Mês de outubro

1. Fieravicola, em *Forlì, Italy*.

Mês de novembro

1. Sial 2004, em *Paris, France*;

2. Eurotier 2004, em *Hanover, Germany*;
3. Expoaviga, em *Montjuic Trade Fair, Spain*;
4. VIV Europe, em *Utrecht, The Netherlands*.

7.3 PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES NO BRASIL

Destaque especial deve ser feito à Expoflora, em função da sua grandeza e importância.

A Expoflora ocorre no Brasil a principal exposição do setor na América Latina. Essa exposição foi realizada pela 22ª vez em 2004, com expectativa de atrair um público de pelo menos duzentas e cinquenta mil pessoas para visitar a Holambra, a 140km de São Paulo. Na avaliação de Fernandes, o evento teve como projeção injetar R\$ 7 milhões na economia da região.

A projeção para o ano de 2005 foi de 300 visitantes, número bem superior aos 265 mil que compareceram no ano passado, diz Paulo Fernandes, coordenador da Expoflora. O evento deve movimentar cerca de R\$ 12 milhões.

Sem data agendada

1. Fest'Flora, em Fortaleza (CE);
2. Festa das Rosas e Flores de Barbacena, em Barbacena (MG).

Mês de agosto

1. Expo Aflord, em Arujá (SP);
2. Friflor (Festa da Flor de Nova Friburgo), em Nova Friburgo (RJ).

Mês de setembro

1. Festa das Flores e Morangos, em Atibaia (SP);
2. Expoflora, em Holambra (SP).



8 SUGESTÕES PARA O FORTALECIMENTO DA FLORICULTURA NO ESPÍRITO SANTO



- Criar, com apoio da Federação da Agricultura do Espírito Santo (FAES), a Comissão de Floricultura do Espírito Santo;
- estimular o fortalecimento das associações de floricultura existentes, por meio de políticas setoriais, para melhorar a produtividade e a qualidade de flores e plantas ornamentais produzidas;
- captar novos associados, favorecendo especialmente os pequenos produtores ligados à agricultura familiar e aos assentamentos rurais;
- incentivar a criação de novas associações para produtores de flores tropicais;
- sensibilizar e envolver as Instituições de Ensino Superior e os Órgãos de Pesquisa ligados à Secretaria de Agricultura, a fim de que se consiga o engajamento dessas entidades e se definam os pólos com maior potencial de produção das espécies florícolas tradicionalmente cultivadas no Estado;
- organizar e executar seminários, com enfoque na produção de flores e plantas ornamentais, que norteiem a decisão sobre os investimentos necessários para o desenvolvimento sustentável da floricultura;
- buscar a melhoria do nível de captação técnica em todos os segmentos;
- isentar flores e plantas ornamentais do pagamento de ICMS;
- abrir linhas de financiamento para aquisição de mudas, insumos, equipamentos, instalações, veículos e pesquisa tecnológica, com prazos, juros e carências compatíveis com o setor;
- promover a realização de campanhas de propaganda e *marketing*, apresentando os produtos da floricultura capixaba com qualidade competitiva no mercado nacional, com vistas a aumentar a demanda por essas colheitas;
- acompanhar, por meio de pesquisas periódicas, as tendências do mercado;
- informar os produtores, por meio de suas associações, dos avanços das tecnologias de produção e dos processos pós-colheitas, que têm reflexos na remuneração em todos os segmentos da cadeia produtiva.



REFERÊNCIAS



- A ESCELSA / O Estado do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.escelsa.com.br>>. Acesso em: 1º mar. 2005.
- ALMEIDA, F. R. de B.; AKI, A. Y. Grande crescimento no mercado das flores. *Agroanalysis*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 9, p. 8-11, set. 1995.
- CENSO agropecuário 1995-1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1998. 366 p. v. 1.
- CONVENTION & VISITORS BUREAU. Vitória, 2004. Disponível em: <<http://www.conventionvisitorsbureau-es.com.br>>. Acesso em: 14 fev. 2005.
- EXPOSIÇÕES cearenses de flores. Diário do Nordeste, Fortaleza, 2003. Disponível em: <<http://www.sfiiec.org.br>>. Acesso em: 20 fev. 2005.
- FLOR IN. *Revista dos profissionais do verde*, Holambra, SP, ano 2, n. 14, p. 22-23, out. 1994.
- FLORICULTORES do Estado de São Paulo. *Instituto de Economia Agrícola*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2005.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 30 ago. 2000.
- HOJE EM DIA, Belo Horizonte, 16 jan. 2005. Caderno de Economia.
- INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA; CONSELHO NACIONAL DOS SISTEMAS ESTADUAIS DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. São Paulo, 2005.
- JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. da S. Exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais batem novo recorde histórico: análise conjuntural das exportações de flores e plantas ornamentais do Brasil. *Floranet*, Holambra, SP, jan./jul. 2004. Disponível em: <<http://www.floranet.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2005.
- MAGER, A. H. O programa Frupex e a floricultura. *Agroanalysis*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 9, p. 17-18, set. 1995.
- OS NOVOS senhores da terra. *Encontro Rural*, Belo Horizonte, p. 36-37, maio 2004.
- PASTE, M. R.; SÁ, R. C. de (Ed.). *Guia: montanhas capixabas*. Vitória: Sebrae/ES, [19--?]. 58 p.
- PEDEAG. Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba. *Floricultura*. Vitória: SEAG, 2003. Disponível em: <<http://www.incaper.es.gov.br>>. Acesso em: 19 jan. 2005.
- PORTUGUEZ, A. P. *Agroturismo e desenvolvimento regional*. Hucitec: São Paulo, 1999. 127 p.
- SANTANA, E. Nem tudo são rosas. *Revista tecnológica*, São Paulo, v. 51, p.18-24, out. 1997.
- SEBRAE/PE. *Floricultura em Pernambuco*. Pernambuco, 2002. 82 p. (Série Agronegócio).

SILVA, C. Flores do Brasil ganham espaço no mercado externo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 ago. 2004.

SILVEIRA, R. B. A horticultura ornamental: floricultura no Brasil. *Universidade Estadual Sudoeste da Bahia*, Bahia. Disponível em: <<http://www.uesb.br>>. Acesso em: 14 fev. 2005.

SZKLARZ, E. De bem com a natureza. *Revista Estado de Minas*, Minas Gerais, ano 2, n. 9, out./nov. 2001.

VALENTE, E. *Coordenação via cooperação: uma abordagem histórico institucionalista*. 1999. 260 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

